

HISTÓRIAS VIVAS DE LUTAS: O ENCONTRO ENTRE PAULO FREIRE, NOEMIA VARELA, ANA MAE BARBOSA E FRANCISCO BRENNAND

Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo¹

Resumo:

O presente trabalho de pesquisa sobre a História da Arte/Educação no Brasil toma como foco o sentido de Arte/Educação crítica e pós-crítica a partir das relações dialógicas entre Paulo Freire, Noemia Varela, Ana Mae Barbosa e o artista Francisco Brennand, estabelecendo como princípio fundamental ao arte/educador se reconhecer como sujeito histórico e social, que tem como importante compromisso democratizar a Arte e sua história em uma perspectiva libertária, nunca bancária.

Palavras-chave: História da Arte/Educação; conexões; democratização da Arte.

Fazer História é estar presente nela e não
simplesmente nela estar representado (PAULO
FREIRE).

Aquilo que consideramos fatos históricos são na
realidade símbolos que nos permitem recriar
imaginativamente o passado (ANA MAE
BARBOSA).

O propósito deste texto é apresentar uma pesquisa que nasceu de um conjunto de imagens elaboradas pelo artista Francisco Brennand a pedido do filósofo/educador Paulo Freire, pesquisa que foi marcada pela busca de conexões entre estas duas personagens e outras que surgiram mediando a relação entre Educação e Arte: Noemia Varela e Ana Mae Barbosa.

Tal propósito se traduz em um dizer de si – uma narração que amalgama história e imaginação, buscando estabelecer conexões – e que é, por sua vez, marcada pelo dito de outros, isto é, pelas contribuições de Paulo Freire, Noemia Varela, Ana Mae Barbosa e Francisco Brennand.

¹ Unidade Acadêmica de Garanhuns da Universidade Federal Rural de Pernambuco- UAG/UFRPE, Mestre em Artes - f_azevedo@hotmail.com

Ao considerar o dizer de si e sua heterogeneidade acrescento a esta proposta de estudo a Análise de Discurso como teoria de interpretação a partir do pensamento de Eni Orlandi, pois o esforço, aqui, é tentar estabelecer historicamente as conexões entre Educação e Arte por meio do gesto de interpretar. Gesto, que segundo Orlandi, se opõe a “[...] (ilusão referencial que produz o sentimento de que há uma relação natural entre as palavras e as coisas) e a do sujeito como origem de seu dizer (ilusão de que os sentidos nascem nele)”. (2007,p. 73)

Partimos, assim, da ideia de que nossos dizeres são atravessados pelos dizeres de outros, ou seja, nossos dizeres são históricos, o que significa que eles são necessariamente inacabados como é inacabada a própria condição humana, neste sentido destaca Freire (1996, p.50): “[...] o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento.” Aí, age a imaginação no processo de produção de sentidos, isto é, estamos lidando com o simbólico e este é inacabado porque é aberto, sujeito a ambiguidades e por isso devemos desconfiar do óbvio. Novamente trazemos Freire para acrescentar a nossa interpretação o sentido do ontológico: “Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo Daí que insista tanto na *problematização* do futuro e recuse sua inexorabilidade.” (1996, p. 53, grifo do autor)

A partir desta perspectiva digo: estudo a História (ou as histórias) da Arte/Educação no Brasil, filiado ao pensamento e a prática de Noemia Varela e Ana Mae Barbosa, e foi buscando conexões que encontrei Paulo Freire. Encontro que devo, especialmente, a obra de Ana Mae Barbosa, suas várias palestras, entrevistas e as conversas informais que mantive com a autora. Encontro em que seu memorial para a obtenção de Livre Docência na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo foi extremamente importante, para o estudo de sua teoria e prática em Arte/Educação. Pois em tal documento encontrei as bases fundantes de seu pensamento, ou seja, seus pais intelectuais: Noemia Varela e Paulo Freire.

Ao assumir ter pais intelectuais, Ana Mae Barbosa deixa clara suas filiações conceituais e políticas, esta é uma aprendizagem que se faz urgente, para as novas gerações de arte/educadores, por duas razões. A primeira refere-se ao reconhecimento histórico do pensamento de seus pais intelectuais e as contribuições de ambos para o

campo da Arte/Educação, e a segunda, que casa-se com a primeira, refere-se à compreensão de que a história é um importante instrumento de auto identificação pessoal e profissional. Nas palavras de Freire, “Fazer a História é estar presente nela e não simplesmente nela estar representado” (2005, p. 40)

Assim, não é por acaso, o que diz Barbosa no texto *Para que História?* Publicado na revista *AR`te*, uma das primeiras publicações voltadas para este campo:

Venho há alguns anos estudando a história da Arte-Educação no Brasil convencida da importância da história como método de análise indispensável para embasar um movimento em direção a mudança social. [...]

Tive que justificar meu interesse pela história da arte-educação, formalmente, pelo menos duas vezes em minhas defesas de tese, mas acreditava nas justificativas, entre as quais a idéia de que a história em si mesma é imaginação e ajuda a liberar a imaginação (1983, p.02).

Nutrido pela afirmação de Barbosa sinto-me na obrigação de dizer que minha curiosidade sobre a História da Arte/Educação não é apenas política e conceitual. É fruto que cresceu buscando rigor teórico entrelaçado com paixão e imaginação, pois tenho o privilégio de conviver com a grande mestra Noemia Varela em suas/nossas lutas pelo estudo e divulgação das bases filosóficas do Movimento Escolinhas de Arte. Movimento que nasceu com a criação da Escolinha de Arte do Brasil, no Rio de Janeiro em 1948. Tendo à frente o artista plástico e poeta pernambucano Augusto Rodrigues, a professora de arte gaúcha Lúcia Alencastro Valentin e a escultora e ceramista norte-americana Margaret Spencer, que segundo Barbosa² (s/d) era uma grande estudiosa do pensamento do filósofo, também norte-americano, John Dewey.

Abro um parêntese para uma interpretação sobre a seguinte conexão: Dewey, Teixeira, Freire e Barbosa, embora não vá aqui me aprofundar nela, desejo apenas registrar que os estudiosos do pensamento freireano afirmam que o próprio educador se

² A informação sobre Margaret Spencer está sem data e o número de página porque faz parte de um livro sobre História da Arte/Educação de autoria de Ana Mae Barbosa no prelo.

dizia discípulo de Teixeira e este, por sua vez, estudou com Dewey, trazendo para o Brasil muitas de suas ideias. Ana Mae Barbosa, como vimos, se diz filiada ao pensamento de Freire e em *Arte/Educação* foi ela quem introduziu no país as ideias de Dewey por meio da obra *John Dewey e o Ensino de Arte* (2001).

Volto ao contexto da história deste texto ressaltando que, se por um lado, Noemia Varela afirma que sua teoria e prática foram influenciadas, de certa maneira, por Paulo Freire, enquanto que suas vivências arteduchativas certamente influenciaram – dialogicamente – o pensamento freireano, por outro, Ana Mae Barbosa afirma que tanto Paulo Freire quanto Noemia Varela foram decisivos para sua formação de arte/educadora.

Com a intenção de enfatizar a influência do pensamento freireano na obra de Barbosa, cito uma (reveladora) interpretação elaborada pela própria autora sobre a Abordagem Triangular do Ensino das Artes e Cultura Visuais (AT, doravante):

Leitura da obra de arte é questionamento, é busca, é descoberta, é o despertar da capacidade crítica [...]. A educação cultural que se pretende com a proposta triangular é uma educação crítica do conhecimento construído pelo próprio aluno, com a mediação do próprio professor, acerca do mundo visual e não uma ‘educação bancária’ (1998, p. 40).

A AT³ é uma teoria de interpretação do universo das Artes e Culturas Visuais e Arte/Educação é compreendida por Barbosa como epistemologia do ensino e da aprendizagem da Arte, ou seja, é o estudo sistemático das relações dialogais entre os modos como se ensina e os modos como se aprende (e apreende) Arte. Interpreto tais posturas da seguinte maneira: a teoria elaborada por Ana Mae Barbosa é profundamente inspirada na expressão freireana denominada de *curiosidade epistemológica* e expressa uma mudança de paradigmas na História da Arte/Educação brasileira que identificamos como a Virada Arteduchativa.

³ Atualmente venho pesquisando sobre o seguinte tema *A Recepção da Abordagem Triangular do Ensino das Artes e Culturas Visuais em Pernambuco: histórias e sentidos no Programa de Pós-Graduação e Educação no UFPE* (doutorado). E nesta pesquisa assumo a AT como teoria de interpretação do universo das Artes e Culturas Visuais e a desencadeadora da Virada Arteduchativa.

Sobre a virada é importante ressaltar que a mesma se situa nos trânsitos entre a concepção de Arte/Educação modernista e a pós-modernista. A primeira enfatizando a tendência contra-ideológica – aquela que se opõe às ideologias dominantes que estabelecem a Arte, seu ensino e sua história como um conhecimento que é direito dos poucos, de iniciados. A segunda enfatiza que as relações entre diferentes sujeitos culturais são marcadas por relações de poder. Faz-se, então, necessário refletir sobre os Estudos Culturais a partir do pensamento de Tomaz Tadeu da Silva (2007, p. 139):

[...] como sistema de significação, todo conhecimento está estreitamente vinculado com relações de poder. É dessa perspectiva que os Estudos Culturais analisam instancias, instituições e processos culturais aparentemente tão diversos quanto exposições de museus, filmes, livros de ficção, turismo, ciência, televisão, publicidade, medicina, *artes visuais*, música...
(grifo nosso)

Assim a AT, do meu ponto de vista, como teoria criada (ou sistematizada como prefere dizer Ana Mae Barbosa) traz à marca do pensamento, tanto de Noemia Varela quanto de Paulo Freire, da primeira a necessidade de adentrar-se no universo da Arte, do segundo a busca pela democratização deste universo – compreensão que justifica, de certo modo, a articulação entre a idéia de Arte como expressão com a idéia de Arte como conhecimento.

Os laços estabelecidos – na situação de aprendiz – com Noemia Varela e Ana Mae Barbosa tornaram, de certa maneira, este trabalho de pesquisa autobiográfico no sentido histórico e como analista de discurso uma maneira de dizer de si. Portanto, aqui, o autobiográfico no sentido de ser um jeito pessoal de organizar (amalgamando imagens, cenas e vozes de Outros) é também uma maneira de dizer de mim, isto é, este é apenas a interpretação (inacabada) da História da Arte/Educação como possibilidade imaginativa, ou em linguagem contemporânea: este trabalho é uma espécie de edição do que estudo e penso, vejo e escuto. Em outras palavras: coloco-me como narrador, uma espécie de contador de histórias que não é mero expectador dos acontecimentos, pois ele, um modo apaixonado, se envolve com a trama do que narra, inventando, reinventando e estabelecendo interações com as circunstâncias e os contextos das personagens das histórias, tentando trazer à tona as vozes sociais e históricas,

reescrevendo a trama, possibilitando a produção de sentidos. Para tanto, tomo como referência o famoso texto *O Narrador* de Walter Benjamim, quando este afirma sobre o sujeito que narra dizendo que o mesmo: “[...] revela-se nitidamente na narrativa, pelo menos como relator, se não como alguém que tenha sido diretamente envolvido nas circunstâncias apresentadas.” (1975, p.69)

Articulo ao fragmento de texto de Benjamim o sentido de História proposto por Freire e Barbosa, que estão em destaque na epígrafe: para ter sentido a História, uma determinada história, temos que dela participar com as nossas pequenas/grandes contribuições, e assim, compreendendo que nossas interpretações envolvem imaginação e por isso uma boa dose de inventividade. Deste modo, este texto pretende ser uma pequena contribuição à reflexão sobre a História da Arte/Educação que estamos construindo no Brasil.

As personagens da narrativa: Paulo Freire, Noemia Varela e Ana Mae Barbosa são os educadores, e Francisco Brennand o artista. Na seqüência do texto ressalto ainda as relações entre o educador e as arte/educadoras e mais adiante dessas personagens com o artista.

Penso que na realidade o que é significativo na relação entre Paulo Freire, Noemia Varela e Ana Mae Barbosa diz respeito à concepção de educação como prática de libertação, o que fez surgir no Brasil, por sua vez, a concepção de Arte/Educação crítica que tem sua matriz na tríade dialogal do pensamento e da prática destes três educadores. Assim, destaca Barbosa:

Poucos sabem que Paulo Freire esteve ligado a Arte/Educação desde os inícios de sua ação educacional. Foi presidente da Escolinha de Arte do Recife nos anos 50 e sua mulher Elza Freire pode ser considerada uma das pioneiras da integração da Arte na Escola Pública, dando ênfase às produtivas implicações do fazer artístico com a alfabetização [...]

Durante o exílio, Paulo Freire e Dona Elza mantiveram um estreito contato com a Escolinha de Arte de São Paulo⁴ que de 1968 a 1971 desenvolveu pesquisas orientadas de longe por Paulo Freire e de perto pelos livros que nos enviava de Genève. Talvez por ser esta ligação com a Arte/Educação pouco conhecida é que tenha sido possível introduzi-lo à Universidade de São Paulo através dos trabalhos nesta área (1996, p. 637).

Rememorando o 17º CONFAEB (Congresso Nacional da Federação de Arte Educadores do Brasil), em Ouro Preto, Minas Gerais, ou seja, a palestra de abertura, na qual Ana Mae Barbosa trouxe um vídeo histórico, datado de 1980, revelando cenas da famosa *Semana de Arte e Ensino* na Universidade de São Paulo – organizada por ela e alguns poucos colaboradores. Este fato tornou-se um marco na História da Arte/Educação brasileira por reunir, em pleno declínio da ditadura militar, um número enorme de arte/educadores querendo discutir criticamente a formação do arte/educador e as políticas para a Arte, seu ensino e sua história.

Em uma das cenas significativas e emocionantes deste vídeo aparece em primeiro plano à conferência de Paulo Freire e em uma segunda tomada Noemia Varela na plateia, de pé, aplaudindo. Noemia Varela foi um dos grandes nomes convidados para o evento.

O texto apresentado por Noemia Varela, neste encontro tão cheio de sentidos, foi intitulado *A formação do Arte-Educador no Brasil*, e publicado inicialmente no livro organizado por Barbosa *História da Arte-Educação* (1986) e posteriormente em uma publicação da Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Pernambuco sob o título *Arte-Educação: Perspectivas em 1988* (este último livro foi distribuído por mim para muitos arte/educadores no 1º Congresso da Federação de Arte-Educadores do Brasil, na cidade satélite de Taguatinga em 1988). Do referido texto enfatizo primeiro o agradecimento:

Agradeço o convite para participar deste simpósio tão significativo e, de certo modo, sinto-me emocionada, pois o

⁴ A Escolinha de Arte de São Paulo foi criada por Ana Mae Barbosa, Madalena Freire (primeira filha de Paulo Freire) e Joana Lopes, em 1968.

chamado da escola de comunicações e Arte, através de Ana Mae Barbosa, neste momento, representa para mim um ponto mais alto nos meus 30 anos de trabalho em arte-educação, visando a formação do arte-educador (1988, p. 107).

Neste ponto preciso, revela-se uma das mais importantes conexões da História da Arte/Educação brasileira, isto é, Noemia Varela – mãe intelectual de Ana Mae agradecendo a filha pela continuidade da luta pelo ensino da Arte. Não é por acaso, portanto, o destaque que Noemia Varela atribui ao seu trabalho voltado para a formação de arte/educadores no país, ressaltando que durante vinte anos atuou como professora e coordenadora do Curso Intensivo de Arte na Educação que acontecia na Escolinha de Arte do Brasil, no Rio de Janeiro. Este curso foi importante para diversas gerações de arte/educadores e apenas para citar alguns, lembro dentre muitos de: Solange Costa Lima, Rosa Vasconcelos, Sebastião Pedrosa, Laís Aderne, Lucimar Belo. Como uma segunda citação do referido texto realço um trecho que possui um belo tom de testemunho:

Meu envolvimento com a Escolinha de Arte do Brasil me levou a integrar a arte no processo de educação do deficiente mental, na Escola Especial Ulisses Pernambucano, em Recife, de 1949 a 1957. E, também, a integrá-la na programação do 1º Curso que organizei, nessa mesma Escola, em 1953, destinado a professores interessados em educação especial. Neste mesmo ano foi fundada a Escolinha de Arte do Recife. [...]

Mais tarde, em 1954, Paulo Freire e Antônio Baltar, ambos nessa época professores da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Pernambuco, indicaram-me para ensinar Didática do Desenho, no Curso de Professorado de Desenho dessa Escola. Foi-me permitido um novo campo de experiências e aprendizagem [...] encontrei o programa de minha disciplina inteiramente superado, tendo de refazê-lo, atualizando-o [...] uma nova linha de ação que refletia a grande influência do Movimento Escolinhas de Arte, do pensamento de

Herbert Read e da contribuição teórica e prática de Viktor Lowenfeld (1988, p.111/112).

Aqui também se encontra uma importante conexão: Noemia Varela narrando sobre sua entrada, como professora, na Escola de Belas Artes pelas mãos de Paulo Freire e Antônio Baltar. As palavras de Noemia Varela reafirmam, de certo modo, o que diz Ana Mae Barbosa sobre a relação de Paulo Freire com o campo da Arte/Educação.

Outra grande contribuição para esta narrativa veio do livro intitulado, sugestivamente, *Educador* (2008) de autoria de Madalena Freire, neste a arte/educadora, filha de Paulo Freire, revela, na introdução, de maneira poética e política os marcos fundantes de sua formação enfatizando que:

Tive três grandes marcos na minha formação.

Minha mãe e meu pai como modelos fundantes, primeiros, em seguida *Noemia Varela*, então diretora da Escolinha de Arte do Recife, onde fui introduzida as obras de Francisco Brennand e outros artistas de minha cidade, e ao mundo fascinante da arte. Quem diria, naqueles tempos, que Brennand estaria hoje nas páginas deste livro.

Depois em 1969, na Escolinha de Arte de São Paulo com *Ana Mae Barbosa* onde iniciei a sistematização da minha formação como arte-educadora! (2008, p.19) (Grifo da autora)

O que afirma Madalena Freire pode ser compreendido como uma síntese da história e ao mesmo tempo como uma narrativa que afirma aquilo que estou tentando articular, isto é, as relações possíveis entre Educação e Arte evocando as mesmas personagens. É também significativo na publicação em destaque um trecho do prefácio escrito por Ana Mae Barbosa em tom de interações históricas,

De circularidades, quadraturas e triangulações se faz a vida, mas um entrecruzamento como o de nossas famílias é raro.

Fui aluna de Paulo Freire, você, filha dele, minha aluna, que por sua vez foi professora de minha filha Ana Amália, que ensinou a sua filha Carolina. Foi um feliz entrecruzamento de relações pedagógicas, apesar de termos vivido uma diáspora política, exílios internacionais, como o de sua família e internos como o de minha família. (2008, p. 11)

Este livro de Madalena Freire reitera as conexões históricas que narro sobre as conexões possíveis entre Educação e Arte e ajuda-me a trazer para a cena as imagens do artista pernambucano Francisco Brennand – outra personagem significativa deste contexto. Sobre as obras e o encontro com Paulo Freire, o próprio artista, em 2000, numa entrevista para o Jornal do Comercio explica:

Eu fui apresentado a Paulo Freire por Ariano Suassuna. Então, Freire me pediu para fazer algumas dezenas de desenhos para ilustrar seu método de alfabetização. As peças foram apreendidas e eu consegui resgatar seis, mas o próprio educador me disse que as outras estavam microfilmadas. Há pelo menos um registro delas (JC online, 2000).

A inteligência libertaria de Paulo Freire anuncia e produz um momento de extrema importância para a Educação e para a Arte/Educação nacional, quando nos idos de 1960, ele pede ao artista Francisco Brennand para elaborar imagens que provocassem a discussão sobre os temas geradores nos Círculos de Cultura. Os círculos de cultura possuíam como um dos princípios estruturadores segundo Carlos Rodrigues Brandão o seguinte sentido para o processo de alfabetização: “Alfabetizar-se, educar-se (e nunca: ‘ser alfabetizado’, ‘ser educado’) significa algo mais do que apenas aprender a ler palavras e desenvolver certas habilidades instrumentais. Significa aprender a ler crítica e criativamente ‘o seu próprio mundo’”. (2008, p. 78, grifos do autor)

A solicitação do educador ao artista pode hoje ser pensada como uma ação política que envolve estética, arte e ética e reverbera entre os que desejam ver o universo da Arte ser democratizado por um processo arteducativo qualificado. A compreensão de Paulo Freire quanto ao valor pedagógico da Arte indica que a leitura de mundo só será ampla e complexa se a dimensão estética e artística se fizer presente na formação tanto do educador quanto na do educando, para que ambos (educadores e

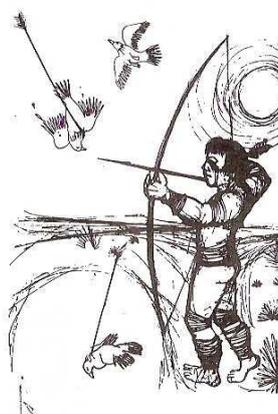
educandos) alcem vãos libertários e humanizadores. Assim, não é por acaso, que Madalena Freire tenha trazido para o livro que destaco anteriormente, algumas das obras de arte que Brennand fez para educador, mas que não estão no Museu/Oficina de Francisco Brennand porque foram confiscadas pela ditadura militar.

Como nasceu minha curiosidade sobre a história dessas imagens?

Em uma visita ao Museu Francisco Brennand (localizado no bairro da Várzea, na cidade do Recife), mais precisamente ao espaço que ele chama de *Accademia*, deparei-me com seis guaches que me chamaram a atenção pelo seu caráter artístico pedagógico. É interessante lembrar que Brennand foi um entre os artistas pernambucanos que ajudou Augusto Rodrigues e Noemia Varela na fundação da Escolinha de Arte do Recife em 1953 e até hoje é um dos colaboradores da mesma.

Também é importante dizer que Brandão (2005) é um dos autores que destaca as obras em questão ao afirmar que elas ilustravam as discussões dos conceitos estudados nos Círculos de Cultura. Porém, muito mais, que simples ilustração, esses trabalhos artísticos refletem a compreensão ampla de leitura de mundo proposta por Paulo Freire.

Com o confisco dos originais de Brennand, Freire solicitou ao artista Vicente de Abreu que elaborasse releituras, repetindo a temática para ilustrar o livro *Educação como Prática de Liberdade*. Na imagem a esquerda temos uma obra de Brennand e do lado direito uma obra é de Abreu.



Brandão ainda enfatiza que a perseguição política as chamadas práticas subversivas, era acirrada e impediu a expansão do Movimento de Cultura Popular (MCP) e os Círculos de Cultura afirmando sobre o contexto político da época que:

Não houve tempo para passar das primeiras experiências para os trabalhos de amplo fôlego com a alfabetização de adultos. Em fevereiro de 1964, o governo do Estado da Guanabara apreendeu na gráfica milhares de exemplares da cartilha do Movimento de Educação de Base: *Viver é lutar*. Logo nos primeiros dias de abril, a Campanha Nacional de Alfabetização, idealizada sob a direção de Paulo Freire, pelo governo deposto, foi denunciada publicamente como ‘perigosamente subversiva’. Em tempo de baioneta a cartilha que se cale. Aqueles foram anos – cada vez piores, até 1968 – em que por toda a parte educadores eram presos e trabalhos de educação, condenados. (1981, p. 19)

A intenção de colocar em debate este trabalho no espaço privilegiado do VIII Colóquio Paulo Freire, com o tema Educação como Prática da Liberdade: saberes, vivências e (re) leituras em Paulo Freire, possibilita ao educador compreender um pouco do papel que o pensamento freireano desempenhou na História da Arte/Educação e ao arte/educador se reconhecer como sujeito histórico (pessoal e profissional), que possui uma importante função social na escola e na sociedade: democratizar a Arte por meio de um processo arteducativo comprometido com a liberdade.

O encontro entre Paulo Freire e Francisco Brennand, deixa como uma espécie de tatuagem –simbólica – a marca para sempre em nossa história singular de arte/educadores, no contexto mais amplo da educação nacional, a compreensão do processo arteducativo como o gesto de ler o mundo, que se constrói na curiosidade cultivada, nas relações dialógicas entre diferentes sujeitos culturais e no posicionamento crítico de desfazer certezas para instaurar outros modos de ensino e de aprendizagem que vão além do simplesmente aprender, mas propõem o gesto inventivo de *aprender* – passagem entre o gesto de conhecer para o gesto de construir sabedorias.

Este trabalho, pois, traz a tona uma interface da História Arte/Educação brasileira – o encontro/metáfora entre Educação e Arte – e para concluir este texto

apresento um fragmento do pensamento de Freire (terceiro capítulo de *Pedagogia do Oprimido*) dialogando com uma possibilidade de interpretação de uma das imagens de Brennand.

Mas, se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isso, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição com o qual rouba a palavra aos demais.

O diálogo esse encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando portando na relação eu-tu (2005, p. 90/91).



Francisco Brennand

Imbuído do direito a palavra (aprendizagem freireana) faço a minha leitura interpretativa de uma das imagens em estudo.

A história do gato e do rato, ou uma metáfora da relação opressor/oprimido, velha história conhecida por todos os que respeitam e valorizam a liberdade. Francisco Brennand nesta cena, coloca com sensibilidade e inteligência um sedutor gato branco que podemos interpretar como a ideologia dominante, sorrateiramente atrás de dois ratos pardos que tentam escapar. Um detalhe interessante da imagem deve-se a sugestão de uma planta que nasce de dois vasos emoldurando a cena. A planta está carregada de frutos como símbolo das possibilidades de transformação da sociedade autoritária, fragmentada, que até hoje enfrentamos. O artista, com base nas lições do educador, recria a situação de injustiça que deve urgentemente ser interpretada para a criação de

possibilidades de enfrentamento humanizador. É também a concretização do diálogo entre o educador e o artista de maneira crítica, inventiva. É Arte/Educação em seu sentido crítico.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

_____. Paulo Freire e a Arte-Educação. In: GADOTTI, Moacir (org.) **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire; Brasília, DF:UNESCO, 1996.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Paulo Freire, educar para transformar: fotobiografia**. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

_____. Círculo de Cultura. In: STRECK, Danilo R. e ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2008.

STRECK, Danilo R. e ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2008.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 41ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **A Importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam São Paulo: Cortez, 2005.

FREIRE, Madalena. **Educador, educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

GADOTTI, Moacir (org.). **Paulo Freire: uma bibliografia**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire; Brasília, DF: UNESCO, 1996.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

ORLANDI, Eni. **Interpretação**; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

PILLAR, Analice Dutra (org.). **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

TROMBETTA, Sérgio e TRONBETTA, Luís Carlos. INACABAMENTO. In: STRECK, Danilo R. e ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2008.

Referências Eletrônicas

A OBRA de Brennand é revelada a partir de estudos e desenhos. **JC on line**, Caderno C, em 05.12.2000. Disponível em:
http://www2.uol.com.br/JC/_2000/0512/cc0512_7.htm. Acesso em 07.02.2008.
